

O MANGUE DE SANTOS

Texto Clelia Romano

Fotos ROBSON^r



O mangue de Santos era uma região que servia de exemplo para a destruição humana da flora e da fauna: -a usina petrolífera de Cubatão jogava seus dejetos no rio até torná-lo pouco mais que um pântano mal cheiroso, onde aves e peixes mortos serviam de carniça aos abutres que sobrevoavam a área.

Era difícil passar por lá sem que ser tomado pelo odor acre e putrefeito da morte.

De alguns anos para cá, porém, a conscientização global levou o governo brasileiro a incentivar medidas ecológicas por parte das empresas.

O resultado se vê nestas fotos do fotógrafo santista Robson Silva e nos poemas que elas inspiraram.

Servem de homenagem à imensa capacidade de ressurreição da vida.



Ode à Ressurreição

Pretendo despertar com suavidade nossa parte adormecida que é irmã de tudo que existe: terra, céus e águas de onde viemos, despertar nossa alma adormecida pelo ritmo frenético do cotidiano que exige mais ação que contemplação, mais atividade que meditação.

Neste texto busco o retorno aos primórdios da vida, ao útero universal que nos gerou e que temos repetido em nossa história genética, gerando a potencial imortalidade humana.

Esta é uma ode à vida, aos seus paradoxos, à sua fragilidade e força, resistência e capacidade de adaptação.

O olho fotográfico captou as imagens e a palavra captou os sinais do indizível.

Bem sei que a vida não se deixa aprisionar em palavras e a foto pertence ao que já se foi.

Palavras e lente tentaram capturar borboletas, para que permaneçam virtualmente eternas. O sopro da vida é virtual, e as palavras são como jornais de ontem: águas e pássaros, águas passadas que só o leitor pode emprestar vida. Para ele escrevo.

Considerem essa página a lembrança de um momento, uma viagem, um pálido reflexo do que vi e ouvi., um exemplo da magnitude da natureza que tentei explicar e não cabe em livro algum, da mutabilidade que não cessa jamais e não pode ser apreendida.

Fica o convite para esse breve encontro e um agradecimento a todos que como personagens, autores e leitores fizeram parte dessa história.

O Início



*Depois de muito rebuliço,
de muito diz-que-diz,
um velho guará decidiu:
vamos nos reunir!
A vinda de todo seu povo,
Membros graúdos e infantes,
Fêmeas querendo por ovo,
Precisava de uma estrutura
Para mudar-se de novo.*

*O sistema era confiável?
Seria a água potável?*

*As ramas protegeriam
os ninhos dos passarinhos?
Em meio ao lamaçal
Repousariam suculentos
Seus principais alimentos?*

*Os líderes pensaram
E afinal deliberaram.
Assim ao raiar do dia
O conselho decidiu
ser a área acolhedora.*

*Um grito selou o auguro:
O manguezal é seguro.*



A Labuta Cotidiana



*Andorinhas bailarinas
Fazem desenhos virtuais:
Simétricos vitrais,
Sobre a água escura.*



*Voam em simetria,
Separam-se por um momento
E agrupam-se a seguir
Em perfeita coreografia
A que regente obedecem
Tais seres disciplinados*

*Que em vôos rasantes mergulham
No tempo de breves instantes?*

*Pois se dá o nome de fome
À labuta que rege a todos
Tanto animais como homens,
Buscando no negro lodo
O sustento de seu dia,
E a graça com que o fazem
É talento do olhar que espia.*

*A música se chama Vida,
E há muita harmonia nela.*

*Mesmo em prosaicos atos,
Deus fez vida ser bela!*



Entardecer

*O mangue repousa
no silêncio da noite.
Se o céu fica nublado
Pacientemente o reflete
Em seu manto espelhado*



*E quando o sol vai se por
Num triste aceno do dia
As águas se tingem de cor.*



Perto do Homem



Bambusa!, bananeira,

Rio, cascalho,

Linha férrea,

Porto,

E nossa beleza muita

Está do feio tão perto!

*A serra assusta
O manguezal
E a garça grita
Cortando o espaço
A punhal.*



Convivência

*Por mais difícil que pareça
Nossa convivência
Nascemos para viver juntos:
A terra e o homem,
O vegetal e o animal.
Se um se alimenta do outro,
Nisso não há nenhum mal.*



Filosofia

1

*Disse então o jacaré
De modo muito singelo
Se eu gostasse do guará
O que seria do amarelo?*



2



A isca afunda na água

E some.

O caranguejo bica

E come

Quem ganha como isso?

O homem.

Nascimento





*O que dizer a ti, meu filho,
Que és como que eu mesmo?
O sonho que guardei sem saber
Eras tu,
A criança que fui
Na distante infância
Tinha teu olhar encantado,
E mal distingo
Onde termino
E onde começa.
Portanto...
O que dizer a ti*

*Que és como que eu mesmo?
Por sua pequena cabeça,
Quantas ciências
Não se irão criar
E quantos talentos?!
Eu te respeito criança,
Pensando no quão grande serás
Quando sobrar de mim
Só o cansaço.*

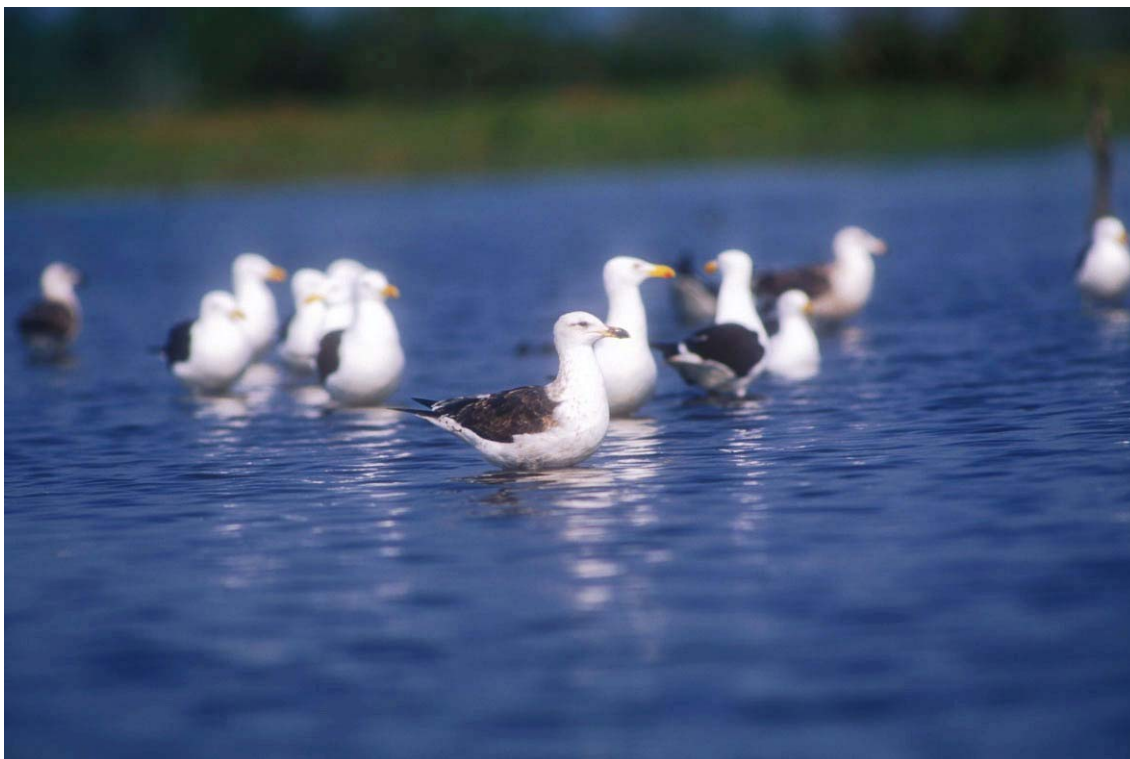


Beleza



*Verde mata escura,
Hibisco de flor vermelha
Chapéus de sol,
Vegetação rasteira,
Água espelho
Aves andando na beira,
Cada uma exibindo*

Cor e penteado.



*Umaz fazem fileira
Andando ao raiar do dia
Outras pousam na água
Esperando a fotografia.*



Atrás de tudo montanhas:

A Serra do Mar,

Gigante verde inviolado,

Guardando segredos

Enterrados.

O Homem



*O sol se põe no horizonte:
Um lado é dia, outro noite.
Os piados cessaram no mangue
E a bicharada se abriga
Ao final da missão cumprida.*

*Só o homem sofre.
Cisma o caíçara, olhar perdido.*

*O escuro espelho da alma
É bem mais escuro que a água.*

*Época de pouco peixe
Mal dá pra subsistência.
Como vender e ganhar?
A família é grande
E o gás...esse não pode faltar.*

*O que mais o desola
É que nem pra bater uma bola,
O sangue reage mais.*

*Essa coisa ruim,
Tomando conta de si
Vai ver que é resfriado.
Queixar da vida é pecado!*

*Afinal tem filho criado
E seu menor já tem quatro.*

*Não pode queixar da vida,
Quem tem barraco e comida
E o filho maior estudando.*

*Só geladeira tem que esquecer,
Até o próximo ano.*

Reunião

Essa é a mais perfeita sociedade:-Reúnem-se porque tem vontade.



Não fazem lobby, não angariam votos, não oferecem empregos ou vantagens, não prometem mares e fundos.

Agrupam-se para estarem juntos.

É melhor quatro olhos do que dois quando se trata de perceber riscos iminentes, e quanto mais companheiros ao lado, mais ficam as aves contentes.

Em grupo se reconhecem, tranquilizam, sossegam e confiam.

E basta um deles piar, que todos se arrepiam.

Quando os dias são quentes, parece que é hora de festa! O azul escuro das águas ponteia-se de aves vermelhas boiando, como rubras pinceladas na tela de água espraiada.

Incompreensível geometria sobre a superfície se desenha. Nada explica cena tão bela em sua serenidades: as aves reunidas boiando sobre o azul.

Flutuam os guarás, caravelas sem destino, a se encontrar no infinito qual paralelas.

Do alto da usina observa a cena o operário. São breves instantes de calma, antes da volta ao trabalho.



FIM

Clelia Romano

Clelia_romano@uol.com.br

ⁱ <http://www.ao.com.br/robson.htm>